

M-93-28



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA
PESQUISA HISTÓRICA II

OPINIÕES SOBRE O
HOMEM PRIMITIVO BRASILEIRO
ÉPOCA DOS PRIMEIROS CONTATOS

JOÃO BATISTA XAVIER DE SOUSA JÚNIOR

NATAL/1993.



"... por isso, não me pergunte
por quem os sinos dobram; eles
dobram por ti."



JOAO BATISTA XAVIER DE SOUSA JUNIOR

OPINIÕES SOBRE O
HOMEM PRIMITIVO BRASILEIRO
ÉPOCA DOS PRIMEIROS CONTATOS

Monografia apresentada como exigência para obtenção de média para aprovação na disciplina de PESQUISA HISTÓRICA II, que pertence ao Curso de História da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE.

Natal/1993.



AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Marlene da Silva Mariz, pelas suas instruções, compreensão e, sobretudo, por sua simpatia nata. Agradeço, também, a Deus e a todos os meus amigos.



SUMARIO

INTRODUÇÃO	01
I - RELATOS DOS PRIMEIROS CONTATOS	03
- Carta de Pero Vaz de Caminha	03
- Carta do "Piloto Anônimo"	09
- Cartas de Américo Vespúcio	10
- Outros documentos	14
II - ESTEROTIPOS E DESMISTIFICAÇÕES	17
- O Índio e o caráter genérico.....	17
- Depreciação e exaltação do índio	21
III - Opiniões sobre o índio do RN	27
- Aspectos gerais	27
- Autores diversos	28
- As diferenças entre os indígenas do RN	32
- Opiniões sobre os Tapuias	35
- Opiniões sobre os Potiguares	43
IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
V - NOTAS	52
VI - BIBLIOGRAFIA	55



INTRODUÇÃO

Este trabalho busca mostrar as várias conotações que se estabeleceram acerca do homem primitivo brasileiro a partir dos primeiros contatos com a civilização. Baseia-se em citações textuais para que fiquem nítidas todas as tendências. Procuramos também abrir novas perspectivas no que concerne o modo de abordar estas etnias que genericamente chamamos de índios.

Num primeiro momento, são apresentadas as primeiras opiniões estabelecidas no advento dos contatos iniciais; enfocaremos alguns trechos da carta de Pero Vaz de Caminha e comentários a seu respeito. O mesmo acontece em relação a outros documentos clássicos como "A Carta do Piloto Anônimo", as cartas creditadas a Américo Vespúcio e outros relatos menos divulgados, mas que interessam por acrescentar informações muitas das quais, de grande importância para o entendimento do assunto.

Após estas opiniões, serão enfatizados, na parte posterior, o caráter interpretativo dos relatos, os mitos criados e suas desmistificações. São levados em consideração os vários pontos de vista de estudiosos e especialistas, como antropólogos, etnólogos e historiadores.

Num terceiro momento, trataremos do caso do RN, onde

copilamos as opiniões dos escritores mais evidentes em assuntos da nossa história, como: Câmara Cascudo, Tavares de Lira, entre outros. Ainda levamos em consideração narrativas de quem conviveu diretamente com o silvícola, como o clássico Fe. Martinho de Nantes.

Ao longo do trabalho são confrontados os variados escritores com o sentido de esclarecer as questões.

Assim, colocamos na maioria dos casos uma sequência de citações - com explicações pessoais - nas quais uma retifica ou corrobora a outra.

RELATOS DOS PRIMEIROS CONTATOS

* CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

A primeira opinião acerca do homem primitivo brasileiro, em termos documentais, é a famosa carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manoel, o venturoso.

Rica em detalhes, sugere, ao longo de sua narrativa, não somente o caráter exótico do nativo, mas, sobretudo, sua natureza, seus modos. Explicitamente, objetiva dizer a verdade, pois, do contrário, não teria razão de existir, já que, como conquistadores, deveriam saber o máximo a respeito daqueles que pretendiam subjugar.

Portanto, tais relatos devem ser vistos como o ponto culminante, em termos de "retratação", sem, porém, deixar de lado o ponto de vista do narrador.

A esse respeito, comenta José Honório Rodrigues:

"Como primeira crônica oficial ou semi-oficial do nascimento do Brasil, escrita à beira da terra, a Carta é fundamental, rica de reflexões sobre a gente e seus costumes. Caminha foi o primeiro a ver bem nítida a possibilidade de cristianização e europeização daquela gente. 'Se os degredados', diz ele, 'que aqui hão de ficar, aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a Santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e

crer em nossa Santa fé, a qual praza o Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quizerem dar.'

Ele vira, assim, na cristianização a possibilidade de amansar o indígena, de destruir sua cultura, dissolver sua vida, para integrá-lo nos processos europeus. Esta é, talvez, uma das mais penetrantes observações feitas por Caminha nos sete dias que passou em Vera Cruz. Realmente, a solução do conflito entre o povo primitivo e o europeu vai ser realizada primeiro pelo desmoronamento econômico do indígena e depois pela obra da catequese, especialmente jesuítica. São os degredados, os náufragos e os desertores que iniciam a obra pela exploração do trabalho indígena no comércio do pau-brasil. Mas nem todos. Porque, como observou com muita perspicácia Capistrano de Abreu, os primeiros colonos que ficaram no Brasil subornaram-se a dois tipos extremos: uns sucumbiram ao meio, ao ponto de furar lábios e orelhas, matar os prisioneiros segundo os ritos e cevar-se em sua carne; é o caso daquele daquele castelhano de que nos fala Gabriel Soares, encontrado em Pernambuco com os beiços furados como os Potiguares, entre os quais andava havia muito tempo. Outros insurgiam-se contra eles e impunham-lhes sua vontade, como o bacharel de Cananéia. Havia ainda um tipo intermediário. É o Caramuru, Diogo Alvares, que nem descia ao batoque, nem se alçava no poderio, e conseguia viver bem com o natural da terra e com o europeu. Influía pouco e sofria

pouca influência." (1)

Eis alguns trechos da Carta:

"Pardos, nus, sem cousa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhes arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha pequena de penas vermelhas e pardas como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas, que querem parecer de aljofar, as quais peças creio que o capitão manda a Vossa Alteza".

"... E tomou dous daqueles homens da terra que estavam numa almadia mancebos e de bons corpos. Um deles trazia um arco, e seis ou sete setas. E na praia andavam muitos com seus arcos e setas".

"... A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais casos de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado, e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador.

Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita de modo de roque-de-xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvos no falar, nem no comer e beber".

"Os cabelos deles são corredios. E andam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobrepenete, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da covinha, de fonte a fonte, na parte de trás, uma espécie de cabeleira, de pena de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma confeição branda como cera (mas não era cera), de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguia mais lavagem para a levantar".

"... E andavam lá outros, quartejados, de cores, a saber metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, um tanto azulada; e outros quartejados d'escaques".

"Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam".

"... aquele que o da primeira agasalhava... era já de idade, e andava por galantaria, cheio de penas, pegadas pelo corpo, que parecia seteado como São Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas; e outros, de vermelhas; e outros

de verdes. E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima, daquela tintura, e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha !) tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhes tais feições, envergonhara, por não terem as suas como ela. Nenhum deles era fanado mas todos assim como nós".

"... Este que os assim andava afastando trazia seu arco e setas. Estava tinto de tintura vermelha pelos peitos e costas e pelos quadris, coxas e pernas até baixo, mas os vazios com a barriga e estômago eram de sua própria cor... E a tintura era tão vermelha que a água lha não comia nem desfazia. Antes, quando saía da água, era mais vermelho".

"... Ali veríeis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim pelos corpos como pelas pernas, que certo, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma".

"... Também andava lá outra mulher, nova, com um menino ou uma menina, atada com um pano (não sei de quê) aos peitos, de modo que não se viam senão as perninhas. Mas nas pernas da mãe, e no resto, não havia pano algum".

"... Trazia este velho o beijo tão furado que lhe cabia pelo buraco um grosso dedo polegar. E trazia metida no buraco

uma pedra verde, de nenhum valor, que fechava por fora aquele buraco. E o capitão lha fez tirar. E ele não sei que diabo falava e ia com ela para a boca do capitão para lha meter..."

"... Neste dia vimos, mais de perto e mais à nossa vontade, por andarmos quase todos misturados; uns andavam quartejados daquelas tinturas, outros de metades, outros de tanta feição como em pano de Rás, e todos com os beiços furados, muitos com os ossos neles, e bastantes sem ossos. Alguns traziam uns ouriços verdes, de árvores, que na cor queriam parecer de castanheiros, embora fossem muito mais pequenos que esmagando-os entre os dedos, se desfaziam na tinta muito vermelha de que andavam tingidos. E quanto mais se molhavam, tanto mais vermelhos ficavam".

"Todos andam rapados até por cima das orelhas; assim mesmo de sobrancelhas e pestanas".

"Trazem todos as testas, de fonte a fonte, tintas de tinta preta, que parece uma fita preta da largura de dous dedos".

"... Resgataram por lá cascavéis e por outras cousinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dous verdes pequeninos, e carapuças de penas verdes, e um pano de penas de muitas cores, espécie de tecido assaz belo, segundo Vossa Alteza todas estas cousas verá, porque o Capitão vô-las há de mandar segundo ele disse". (2)

* * *

Outros relatos clássicos portugueses são: "A Carta do Piloto Anônimo", e escritos atribuídos a Américo Vespúcio. A ambos não é creditado o mesmo valor do documento de Caminha, mas não deixam de ser importantes.

* CARTA DO PILOTO ANONIMO

" O Piloto Anônimo" pertenceu à mesma frota de Caminha. A gente e seus costumes são descritos de forma bem superficial.

"...são baços e andam nus sem vergonha, têm os seus cabelos grandes, e a barba pelada; as pálpebras e sobrancelhas são pintadas de branco, negro, azul, ou vermelho; trazem o beijo de baixo furado, e metem-lhe um osso grande como um prego; outros trazem uma pedra azul ou verde, e assobiam pelos ditos buracos; as mulheres andam igualmente nuas, são bem feitas de corpo, e trazem os cabelos compridos". (3)

Ele "declara que ninguém entendia a língua, o que não impediu Caminha de fazer e anotar uma infinita variedade de observações. Não sabiam que gente era essa, que os imitava, como na missa, que negociou arcos e flexas por guizos e folhas de papel, pedaços de pano ou papagaios e mandioca. Eram pardos, os homens com a pele raspada, e as mulheres com os cabelos longos. A terra era grande, abundante de árvores,

com boa água, mandioca e algodão. Não havia animais. O ar era bom, os homens tinham redes e eram grandes pescadores. Foram deixados dois homens degredados que começaram a chorar quando a esquadra iniciou a partida e foram consolados pelos homens da terra". (4)

* CARTAS DE AMÉRICO VESPÚCIO

Quanto a Américo Vespúcio, é um dos cronistas mais citados, em termos de primeiros relatos. No entanto, no dizer de José Honório Rodrigues "das cartas de viagem de Américo Vespúcio, consideradas autênticas pela crítica moderna, só uma trata do Brasil. É a dirigida a Lorenzo di Pier Francesco de Medici, de Lisboa, 1502.

Nela se louva a terra, agradável, temperada, sadia e muito amena, tão abundante de árvores, flores, frutas e animais que o piloto-mor se julgava perto do Paraíso Terrestre. Descreve a casa, a alimentação e os costumes indígenas. Tudo era comum, não havia propriedade privada, nem leis, e a promiscuidade sexual era geral. Não conheciam o ferro ou outro qualquer metal e não sabiam contar o tempo. Guerreiros e cruéis, comiam carne humana". (5)

Existem, no entanto, outros documentos atribuídos a Vespúcio, sendo célebres os que tratam dos atos de canibalismo. Este fato torna-se mais contundente se levarmos em consideração o que foi citado no parágrafo acima: "Guerreiros e cruéis comiam carne humana". O mais interessante, ainda, é o fato da ocorrência ter-se verificado

nas costas do Rio Grande ou da Paraíba.

Sabendo-se que o Rio Grande, naquela época, englobava parte da Paraíba e do Ceará; é, até hoje, motivo de discussão onde realmente teria se dado o ato descrito por Vespúcio. Por isso, Tarcísio Medeiros disserta as várias opiniões a este respeito e, ainda, enfoca a veracidade do documento de Vespúcio.

"A presença de Américo Vespúcio na expedição exploradora de 1501 é ponto indiscutível, aceito pela unanimidade evidente de todos os historiadores, sobremaneira porque, do seu trabalho a serviço de Portugal, desta vez, resultou, de seus escritos, honestos ou não, o enfoque da missão que lhe foi atribuída, pois não há outra fonte. A armada, tudo faz crer, foi aprestada e realizou sua missão, dentro do segredo exigido pela política do tempo. De tal modo foi reservada, que até os cronistas da época a ignoraram, inclusive João de Barros, o autor de Décadas, depois donatário da Capitania do Rio Grande, que apenas registra uma outra no mesmo ano por João de Nova, em demanda da Índia aportou em Vera Cruz ... Enfoca a 'Protohistória Cearense', assim também a 'História da Paraíba' de Horácio de Almeida e os historiadores potiguares, cada um trazendo, para os seus respectivos territórios, ou o que ocorreu após a expedição de Vespúcio haver lançado âncoras, em 17 de agosto de 1501, conforme a tradução de 'Lettera', no primeiro contato dos tripulantes com os nativos da região:

'Esforçamo-nos por que viesse a falar conosco, sem

conseguirmos inspirar-lhe confiança, recusando-se eles a fiar-se em nós. Em vista da sua obstinação e porque já era tarde, voltamos aos navios, deixando em terra muitos cascavéis, espelhos e muitos outros objetos. Logo que nos afastamos no mar, desceu do monte em procura do que lhe tínhamos deixado, ficando de tudo maravilhados. Neste dia, só fizemos provisão de água. Na manhã seguinte, do convés das naus vimos que a gente da terra fazia muitos fumos, e pensando que nos chamava, fomos à terra, onde vimos que se juntara muita gente, mas que se conservava à distância, acenando-nos para irmos ter com ela. Dois dos nossos cristãos tentaram-se a pedir ao nosso capitão que para isso lhe concedesse licença porque queriam correr o risco de ir até elas para verem que espécie de gente era e se possuía alguma riqueza em especiarias ou drogas, e tanto instaram que o capitão o houve por bem. Aprontaram-se com muitas fazendas de resgate e partiram com ordem de não demorarem mais de cinco dias em regressar, porque mais não esdperariamos por eles. Encaminharam-se para a terra e nós voltamos para os navios onde os ficamos esperando. Quase todos os dias aparecia gente na praia, mas sem nunca querer falar-nos. No sétimo dia fomos à terra e achamos que tinham trazido as mulheres e logo que desembarcamos mandaram muitas delas ao nosso encontro. Então, como víamos que não conseguíamos inspirar-lhes confiança, resolvemos mandar-lhe um dos nossos, que foi um mancebo, e para os tranquilizar entramos nos batéis. O mancebo dirigiu-se às mulheres, que logo o rodearam mal chegando junto delas, apalpando-o e contemplando-o com espanto. Estando elas nisso,

vimos descer do monte até a praia uma mulher que trazia a mão um grande pau, e chegando aonde estava o nosso cristão acercou-se-lhe pelas costas e, levantando o pau, lhe deu tamanha pancada que o estendeu morto por terra. Imediatamente as outras mulheres o arrastaram pelos pés para o monte, ao mesmo tempo que os homens se precipitavam para as praias armados dos arcos, crivando-nos de setas, pondo em tal confusão a nossa gente que estava nos batéis varados na areia, que ninguém acertava lançar as mãos das armas, devido às flexas que choviam sobre os esquifes. Disparamos quatro tiros de bombardas que não acertaram, e ouvindo o estrondo fugiram todos para o monte, onde já estavam as mulheres despedaçando o cristão e assando-o numa grande fogueira que tinham acendido, mostrando-nos os seus membros decepados e devorando-os, enquanto os homens nos faziam sinais, dando-nos a entender que tinham morto e devorado os outros dois cristãos, o que muito nos afligiu, contemplando com os nossos olhos a crueldade que cometiam com o morto e que para todos nós era injúria intolerável. Mais de 40 dos nossos tinham a intenção de saltar em terra e vingar morte tão cruel e aquele ato bestial e desumano, mas o capitão-mor não lhe o quis consentir. Eles ficaram com a satisfação de tamanha ofensa, e nós partimos de má vontade e envergonhados por culpa de nosso capitão. Partimos desta paragem e seguimos nossa navegação entre Levante e Siroco, que assim corre a costa'." (6)

* OUTROS DOCUMENTOS

Existe, ainda, abundância de documentos menos conhecidos que tratam dos primeiros contatos. São, na sua maioria, de nacionalidade não portuguesa. " Na era dos descobrimentos , havia grande mistura nas tripulações. Encontravam-se portugueses a bordo dos navios franceses, alemães a bordo dos portugueses, ingleses e italianos a serviço dos espanhóis, quando acaso não estavam todos reunidos na mesma caravela". (7)

Alguns desses relatos conseguem separar as diferenças existentes entre os povos nativos, outros, dão uma visão unilateral. O importante é que estes documentos acrescentam, dando base para estudos posteriores.

Paulmier de Gonneville, na sua "relação autêntica", deixou vários relatos os quais falam da admiração do índio pelo branco e a sua vontade de aprender a manejar com os instrumentos das naus, entre os quais, os canhões. Não repara Gonneville fossem antropófagos. Isto evidencia que sua pesquisa se deu num local limitado. (8)

"A Nova Gazeta da Terra do Brasil, datada de 1515, descreve as aventuras de um navio que fora no Novo Mundo armado por D. Nuno Manuel e Cristóvão de Haro. A impressão que os viajantes trouxeram do silvícola era favorável, pelo

que narrou o piloto ao repórter. No gênero é o mais antigo 'interview' sobre índios. 'E dizem que quanto mais para o cabo tanto melhor a gente, de bom trato, de índole honrada. Não há neles nem um vício, a não ser que um povoado guerreie o outro. Não se comem porém uns aos outros, não fazem prisioneiros. Dizem que o povo é de muito boa e livre condição, não havendo naquela costa leis nem rei, a não ser que ouvem os velhos entre eles e lhes obedecem na terra do Brasil inferior. Também é todo o mesmo povo (no sentido racial), só tem outra língua'." (9)

Depois da Nova Gazeta, as opiniões com pormenores sobre os índios fica a cargo de Pigafetta, cronista da expedição ao redor do mundo de Fernão de Magalhães: "... às vezes comem carne humana; mas somente a dos seus inimigos. Não o fazem nem por necessidade nem por predileção, mas pelo costume que neles se espalhou... Estes povos são extremamente crédulos e bons; e seria fácil levá-los a se tornarem cristãos. O acaso fez com que tivessem por nós veneração e respeito... Reinava desde dois meses grande seca na região, e como coincidissem a chuva com a nossa chegada, não duvidaram em nos atribuir o auspicioso acontecimento... Muitas vezes para obterem um machado ou facão eles nos ofereciam como escravos uma, e até duas raparigas, mas nunca suas mulheres; ademais, elas recusar-se-iam, pois a despeito da libertinagem das moças solteiras, é tal o seu pudor depois de casadas que não consentem sequer serem beijadas pelos maridos durante o dia. Incumbidas dos trabalhos mais pesados, são frequentemente vistas a descer do morro com pesados cestos sobre a cabeça;

mas nunca estão sós, porque os maridos - extremamente ciosos - acompanham-nas sempre, com flechas em uma das mãos e o arco na outra. Este é de madeira do Brasil, ou de palmeira negra. Quando as mulheres têm filhos colocam-nos numa rede de algodão suspensa a seu pescoço. Poderia ainda dizer muitas mais coisas dos seus costumes; mas deixarei sob silêncio para não ser muito prolixo." (10)

Desta mesma expedição, o piloto Jean Parmentier dá outros detalhes: "Entre o rio Maranhão e o cabo de S. Agostinho encontram-se povos dos quais alguns são pacíficos e sociáveis, e outros conservam hábitos belicosos; vêem-se choças e tabas (des maisons et des chateaux) recobertas de cascas de árvores... mostra-se a população mais afável aos franceses do que aos portugueses. Suas casas e roças são rodeadas de cercas (palissades)". (11)

* * *

Em todos os relatos, desde Caminha, notam-se questões, muitas vezes, conflitantes para um leigo. Por outro lado, estes textos tratam certamente de fatos verdadeiros. Apenas foram focalizados povos diferentes. Daí alguns aspectos opostos. O próprio texto de Caminha, apesar do alto grau dissertativo, trata de um grupo limitado e não do homem primitivo brasileiro como um todo. São estas opiniões responsáveis por rótulos criados ao longo da história.

ESTERIOTIPOS E DESMISTIFICAÇÕES

* O INDIO E O CARATER GENÉRICO

Caracterizar o primeiro habitante do Brasil - ou até mesmo de uma parte limitada como aqui veio a se chamar de capitania do Rio Grande - a partir da observação ou da vivência com um determinado grupo, é, sem sombra de dúvida, a matriz do erro de conceituar um tipo único para todo o território.

Desde o seu descobrimento, o homem americano foi genericamente conceituado de índio por se acreditar que este continente era as famosas Índias. Mesmo após o esclarecimento, os conquistadores rotularam as populações mais diversas desde o norte até o sul do continente. Tais populações diferiam uma das outras seja do ponto de vista físico, linguístico ou dos costumes. (12)

Também acreditou-se, por muito tempo, que todos os índios do Brasil falassem a língua Tupi. Este é um dos esteriótipos arraigados e completamente infundados. (13) Essa idéia se deve a uma supervalorização da língua Tupi diante das demais línguas. E tem uma explicação. É que os conquistadores portugueses encontraram todo o litoral brasileiro ocupado por índios entre os quais predominava uma

língua Tupi. Esta também foi a primeira língua nativa que os missionários aprenderam, a ela se afeiçoaram e tomaram uma atitude de desdém para com as outras línguas que não compreendiam, chamando as tribos que as falavam de "povos de língua travada". A língua Tupi foi não somente aprendida, mas também modificada pelos missionários, que impuseram uma gramática nos moldes do latim, sendo divulgada de modo que populações indígenas de outras tradições linguísticas chegaram a aprender o Tupi.

Da falta de informações sobre o índio não tupi, as grandes figuras da literatura brasileira nos seus trabalhos indianistas focalizaram predominantemente o índio tupi. "Além de divulgar uma visão romântica dos índios, nossos poetas e romancistas também espalharam informações etnográficas errôneas. José de Alencar, por exemplo, faz a índia Iracema atirar flechas, quando, entre os indígenas, apenas os homens usavam o arco e a flecha. Gonçalves Dias, por sua vez, atribuiu aos Timbira, que são índios da família linguística Jê, costumes que pertenciam aos antigos Tupinambá, do tronco linguístico Tupi. Em I-Juca-Pirama, aos Timbira atribuía a antropofagia, o uso do cauim; em os Timbiras, atribui aos personagens nomes nitidamente tupi. Mas Gonçalves Dias, como o demonstrou em seu trabalho 'Brasil e Oceania', estava a par dos conhecimentos da época a respeito dos índios. Sua escolha dos Timbira como um dos principais objetos de seus poemas indigenistas talvez esteja no fato de serem esses índios habitantes do Maranhão, terra do poeta; atribuiu-lhes

costumes Tupinambá porque nada então se sabia dos costumes Timbira ou então porque considerava os costumes daqueles como mais nobres ou altivos; nota-se como é comum nos poemas de Gonçalves Dias a expressão 'os vis Aimorés'. Os Aimorés não pertencem ao tronco Tupi; o poeta os desprezava como os desprezavam os Tupi." (14)

O clássico Varnhagen é também entre alguns historiadores partidário dessa tendência: "Essas gentes vagabundas que, guerreando sempre, povoavam o terreno que hoje é do Brasil, eram pela maior parte verdadeiras emanações de uma só raça ou grande nação; isto é, procediam de uma origem comum, e falavam dialetos de uma mesma língua ..." (Varnhagen se referia aos Tupi). (15)

Os motivos desta tendência são evidenciados na citação de Manoela Carneiro Cunha: "Contraopondo litoral e mata tropical a interior e caatinga, homogeneidade a diversidade, e a imposição de um contato direto e sistemático à quase ausência inicial de contato e de informações seguras, veremos... que toda a inquiridora curiosidade de que foram alvo os Tupi - paradigmas de alteridade a inspirar filósofos e teólogos da renascença européia - de modo algum se estendeu aos seus antípodas sertanejos que, se nenhuma nova inquietação acrescentava ao canibalismo e à nudez, impunham, por outro lado, uma presença fugaz e uma estonteante diversidade idiomática capaz de desestimular os espíritos mais abnegados." (16)

São por essas razões que os índios são, para a maioria dos brancos, "a figura exótica, uniforme, que tipifica um

estilo de vida já totalmente incompatível com os tempos modernos... A imagem do índio brasileiro é tão nebulosa que chega a se confundir com a de outro índio, também uniforme, importada pelos brasileiros na forma de filmes e de revistas em quadrinhos (Aquino, 1976). É o 'pele-vermelha' norte-americano." (17)

A respeito da diversidade de costumes, e até de práticas opostas entre os nativos, J. F. de Almeida Prado dá um bom exemplo: "Havia curiosas crenças e superstições na vida do selvagem. Thevet narra que os índios prezavam a carne de animais rápidos, para se tornarem mais destros na perseguição dos inimigos derrotados. Capistrano de Abreu afirma o contrário nos seus resumos do silvícola, quando diz que evitavam a carne do veado para se não entibiarem. Ambos autores podem estar certos porque não há regra geral para o índio." (18)

* * *

O certo é que como "raça virtualmente sub-humana, o índio tem angariado várias características que gratuitamente lhe são atribuídas por quem já teve ou não contato com ele. Para uns, ele é preguiçoso, mentiroso, traiçoeiro, sujo, insensível; ou então é o 'nobre selvagem' rousseauniano, ainda não deturpado pelas mazelas da civilização..." (19)

* DEPRECIAÇÃO E EXALTAÇÃO DO INDÍO

Vejamos pois dois exemplos de esteriótipos criados. O primeiro trata da imagem depreciativa do silvícola, no segundo o autor relata alguns exemplos da exaltação do índio; a comparação do tipo clássico greco-romano e os fundamentos para a classificação do "nobre selvagem" rousseauiano.

- Exemplo da Depreciação

"Em plena década de 1960, quando os conhecimentos da etnologia brasileira já estavam suficientemente divulgados para informar àqueles que fossem trabalhar junto a populações indígenas, um missionário salesiano - o padre Alcionílio Bruzzi Alves da Silva - consegue produzir uma verdadeira obra-prima de esteriótipos e noções pre-concebidas, meticulosamente coletados e descritos num volume sobre os grupos tribais do rio Uaupés. Suas 'observações sobre a psicologia do índio' foram inspiradas na imagem por ele criada da subcategoria 'indígena uaupesiano'...

A guisa de ilustração, vejamos algumas das mais notáveis noções defendidas por esse missionário: 'o índio como fisicamente é lento de movimentos, também é tardio para dar-nos a mais óbvia resposta. Moroso para entender uma ordem que lhe damos, encontra dificuldade para acompanhar o nosso raciocínio'. Desse modo, 'não há, pois, esperar no indígena

grande tenacidade de vontade. Não se pode contar com ele para um trabalho sempre idêntico'. Porque o índio 'sente-se inferior ao branco', percebe-se que ante 'o civilizado, cuja superioridade reconhece e sente, mostra sempre docilidade'. Como não poderia deixar de ser, o índio do padre Bruzzi é essencialmente preguiçoso". (20)

* * *

Vejamos, porém, dois exemplos de povos observados dos quais seus comportamentos são diretamente opostos ao do padre citado no parágrafo anterior.

"Em certos indivíduos, principalmente Tupi, não falta inteligência para compreender a civilização. O silvícola sob o ensino de mestres pacientes revela-se por vezes tão assimilador como o branco. Provêm-lhe as deficiências de outras causas extremamente complexas." (21)

"... os antigos nobres Kadiwéu olhavam de cima os europeus. Os nobres Kadiwéu depilavam completamente o rosto inclusive as pestanhas e sobrancelhas, tratando com repugnância os europeus, aos quais, devido a seus olhos pilosos, chamavam de 'irmãos da ema'. Os guerreiros Kadiwéu recusavam-se a ter relações sexuais com as mulheres brancas prisioneiras, considerando-as de categoria inferior. Mulheres nobres indígenas recusavam-se encontrar com a mulher do vice-rei, considerando apenas a rainha de Portugal como digna de suas relações. Uma delas recusou-se a ir a Cuiabá, a convite do governador, temendo que este a pedisse em

casamento, o que não poderia aceitar, visto ser o governador de categoria inferior." (22)

- Exemplo da Exaltação

"O homem de certas tribos dispunha, embora meço, das harmônicas proporções dadas pela vida agreste. Séculos após Matteo Cretico informar que os silvícolas do Brasil eram 'homeni nudí e formosi...' oficiais da marinha de guerra francesa familiarizados com o gênio das colônias, preconizavam nas forças armadas exercícios físicos semelhantes aos selvagens na sua existência diária.

Viajantes alemães modernos, que estiveram entre os Carajás e Menácus, também louvaram as formas desses índios, que lhes recordavam a estatuária antiga. Iguais músculos longos, peitorais largos, hipertrofia do tronco, aproximando inesperadamente um Xavante ao Marte Borghese, ou um Canoeiro de Mato Grosso ao apolo arcáico do museu de Nápoles. Efetivamente o desenvolvimento de alguns índios dão-lhes aparência com o tronco dessas estátuas, cujos oblíquos são tão intumescidos que encobre quase a linha da cintura. Também se assemelham os dedos e mãos pequenos, a outras partes do corpo em analogia com ideal grego. Estabelecia Aristófanes a antítese dos efeminados avessos à ginástica: 'pálidos, ombros estreitos, peito encovado, traseiro seco, sexo longo...' e o atleta paradigma, de 'largas espáduas, traseiro carnudo e pequeno sexo...', característico da beleza pagã.

Quiseram alguns panegiristas do índio vê-lo como Feidipos admirava o atleta das olimpíadas. Outros, como

Orville Derby, perceberam semelhanças de ornatos de objetos brasílicos com os dos helenos. Autores franceses notaram a coincidência entre a ornamentação da cerâmica descoberta no tesouro de Cuenca, com friso clássico conhecido por 'grega'. Mas de similitudes espontâneas, criadas por tendências universais da arte decorativa, poucas conclusões podemos tirar. O que há de influência do Velho Mundo sobre o Novo e vice-versa, na era dos descobrimentos, consiste unicamente na maneira como o europeu da renascença idealizava o aborígene americano.

Pela maneira como o índio vegetava, nu, exposto às insídeas da terra e fúria dos elementos, queimado pelo sol, lavado pela chuva, crestado pelo frio, alguns viajantes decidiram ver nele o espartano descuidoso de intempéries. Assim o considerou Lescarbot, que recorria sofisticadamente a Aristóteles para enaltecer o canadense da Nova França. O mesmo ia-se repetir com a quase totalidade das narrativas de viagens, que trouxeram elementos de propaganda teórica a literatos do século XVIII.

O índio do Brasil contribuiu, como os demais da América, para a formação da lenda do selvagem brando, amável, sem religiões incômodas pelos sacrifícios que impõe, pacifista e principalmente isento da noção de propriedade dos civilizados, causa maior de todos os males. 'C'est de la distinction entre le tien et le mien que proviennent tous les maux de la société humaine', dizia o artificioso selvagem de Lahotan. Com os diálogos deste autor, de moral duvidosa,

aparece cinquenta anos antes de Rousseau o princípio fundamental do Discurso sobre as origens da Desigualdade.

No século XVI, o humanismo da Renascença sugestionava os autores que se interessavam pelo gentio. Grotius convencera-se de que os índios eram descendentes dos antigos germanos admirados por Tácito. Publicou o 'De Origine Gentium Americanorum', versando a semelhança entre a língua alemã e a dos índios norte-americanos. Brébeuf comparava os discursos dos chefes índios aos de Tito Lívio. Yves d'Evreux cita, em princípios do século XVII, todos os seus autores favoritos, à guisa de demonstração da inocência dos Tupinambás, que andavam nus e exibiam plástica formosa, certamente do agrado de Pítaco, ou de Crates o 'Filósofo'. O padre Lejeune ia além, proclamava que vira sobre os ombros de índios, as cabeças de Augusto, Pompeu, Otão e Julio César.

Autores modernos atribuem aos jesuítas a propaganda do aborígene americano na Europa, através das 'Cartas Edificantes'. Lembram que a Companhia de Jesus alimentara o sonho de criar Repúblicas Teocráticas na Califórnia, Brasil e Paraguai, com o material humano do sítio. A primitivez do índio parecia-lhes terreno favorável, apto a produzir farta messe cristã para quem soubesse cultivá-lo. Houve outros missionários pertencentes a diversas ordens religiosas, como o entusiasta Du Tertre, que viram o silvícola tal como o 'Homem da Natureza' de Rousseau. Os jesuítas do Brasil, porém, sempre demonstraram conhecimentos seguros a respeito do gentio. Do que não resta dúvida, é a grande influência exercida pelas suas cartas a descrever o trabalho das

missões, nas idéias do tempo, sem, naturalmente, qualquer intenção nesse sentido por parte dos padres jesuítas.

As consequências da propaganda claramente perceptíveis de Montaigne aos românticos, do fim do século XVIII e começos do XIX, partiram mais acentuadamente de outra casta de narradores. Seguiram a Lahotan infinidade de fantasistas, transformando o índio de então, que hoje nos parece tão imperfeito como os outros homens, num ser de raros predicados, exemplo de virtudes para toda a humanidade e especialmente brancos corrompidos." (23)

* * *

Diante do que foi visto neste capítulo, as palavras da antropóloga Alcida Rita Ramos são suficientes para nos dar uma conclusão: "Tais noções propõem que a figura do índio tenha uma uniformidade ubíqua, prestando-se, assim, muito adequadamente, para justificar e endossar atitudes, interesses e ações que têm na mera existência das populações indígenas um inconveniente. Cultivar a imagem estereotipada - e portanto instrumento eficaz de generalizações - do índio homogêneo, uniformemente selvagem, uniformemente infantil, uniformemente incompetente, onde quer que viva, o que quer que faça, frente à sociedade nacional, é negar a incômoda realidade da multiplicidade étnica, da presença de índios como seres humanos concretos, produtos de sistemas sociais, de estilos de vida e de processos históricos grandemente diversificados." (24)

OPINIÕES SOBRE O INDÍO DO RN

* ASPECTOS GERAIS

O homem primitivo do Rio Grande, na época dos primeiros contatos é abordado, a princípio, dentro do mesmo contexto dos demais povos do Brasil. Existem os Tupi, no caso desta região representados pelos Potiguares; e os Tapuias - nome genérico dado pelos próprios Tupi aos seus opositores - habitavam, na sua maioria, a parte extra litoral.

A partir das relações mais intensas com o interior, principalmente dos holandeses no século XVII, é que fica mais ou menos configurada a variedade étnica e cultural deste povo.

Todo o Nordeste, inclusive o Rio Grande, no caso do interior, faz parte dos locais de línguas isoladas, isto é, sem ligação aparente com um tronco comum como acontece com o Tupi, Macro-Jê e Arwak. Não possuindo "filiação genética conhecida", chega-se à conclusão que essas línguas façam parte de focos de dispersão muito antigos. "O estudo das línguas isoladas confirma a hipótese indicada pelo estudo das grandes famílias linguísticas. A dispersão Macro-Jê pode ter estado ligada a um foco de dispersão antigo no Nordeste do Brasil. A aglomeração de línguas isoladas nessa área sugere que numa data muito remota os ancestrais dos Macro-Jê podem ter estado em algum lugar do planalto entre as bacias do São Francisco e do Tocantins." (25)

Em todas as citações sobre o silvícola do estado, a partir do descobrimento - afora os Potiguares, dos quais não existe discordância quanto à sua existência e homogeneidade - os Tapuias são representados, segundo seus estudiosos, em dois grupos básicos: os Tarairiús e os Cariris, divididos em várias tribos com as denominações as mais diferentes. Quando não existem aqueles que chamam a todos os Tapuias de Cariris.

* AUTORES DIVERSOS

Para Câmara Cascudo, por exemplo, não existem Tarairiús como uma etnia, como ele próprio afirma: "O Rio Grande do Norte lembra seus ancestrais aborígenes, Paiacus, Faiins, Monxorós, Pegas, Caborés, Icozinhos, Fanatis, Arius ou Areas e Janduis (Tarairiús), de truculenta memória, além dos Potiguares clássicos, comedores de camarão, dominadores do rio onde a capital se implantou..."

Eram apenas duas raças. Potiguares eram Tupis. Todos os demais eram Cariris. Eram Cariris com vários tipos, cor e formação, homens mais altos que os Potiguares, fortes, impulsivos, com pequena agricultura e cerâmica rudimentar."
(26)

Tavares de Lira mostra-se mais cauteloso ao relacionar essas etnias: "Desses índios uns eram Potiguares, outros Tapuias. Os primeiros, da língua geral, senhoreavam, ao tempo da conquista, o território compreendido entre a margem esquerda do Paraíba e a margem direita do Jaguaribe, pela

costa e até às ramificações extremas da Borborema; os últimos, sobre cuja classificação etnográfica ainda há sérias dificuldades, dominavam nos altos sertões.

Seriam Cariris? Segundo Martius, estes ocupavam a região que vai pelo interior, desde o São Francisco até o Curu ou Acaracu, região que Capistrano de Abreu determinou melhor, afirmando que 'estavam disseminados do Paraguaçu até o Itapicuru, talvez o Mearim, em geral pelo Sertão, conquanto os Tremembés habitassem as praias do Ceará'.

É, pois, provável que alguns pertencessem a esse grupo, tanto mais quanto é ainda Capistrano de Abreu quem pondera, consoantes considerações feitas ao demonstrar que os Cariris não tinham repugnância pelo litoral, como parecera a Martius, que, 'pelo menos na Bahia e na antiga capitania de Pernambuco, já ocupavam a beira-mar quando chegaram os portadores da língua geral.

Repelidos por estes para o interior, resistiram bravamente à invasão dos colonos europeus, mas os missionários conseguiram aldear muitos e a criação de gado ajudou a conciliar outros. Talvez provenha dos Cariris a cabeça chata, comum nos sertanejos de certas zonas'." (27)

Já em Olavo de Medeiros Filho, no livro "Índios do Açu e Seridó" descreve os dois tipos (Tarairiú e Cariri), tendo como base Barleu, Nieuhof, Herckman, Thomas Pompeu Sobrinho, entre outros. Os habitantes da antiga capitania do Rio Grande, que englobava boa parte do que é hoje os estados do Ceará e Paraíba, nas regiões não litorâneas, são principalmente Tarairiús comandados em parte da época dos

holandeses pelo "rei Janduí", sendo seu principal acampamento fixado no local onde existe hoje a cidade do Açu.

Os principais povos Tarairiú são os seguintes: Javós, Paiacus, Pacajus ou Baiacus, confundindo-se muitas vezes com os Canindés e Jenipapos; Jenipapos, "às vezes confundidos com os anteriores"; Canindés "às vezes confundidos com os Paiacus"; os Sucurus "também chamados Xucurus ou Zucurus"; Ariás, Ariús, Uriús ou Pegas; Panatis e Caratiús.

Segundo os autores que serviram de base para Olavo de Medeiros, quase a totalidade desses povos habitava o que hoje é o estado do RN.

Quanto aos Cariris, os principais que habitavam o estado ou arredores, estão: os Cariris ou Bultrins, Coremas ou Curemas, Icós-pequenos ou Quincus-pequenos e Caicós, supostamente habitantes, entre outros locais, da atual região da cidade de Caicó. (28)

O que fica claro em Olavo de Medeiros é que pelo menos na área que compreende o atual estado do RN, no que se refere ao interior, era habitado na sua maior parte pelos Tarairiús, até porque muitos povos descritos como Cariris são, segundo suas fontes, Tarairiú.

"Heckman explicando as nações que eram denominadas de Tapuias, cita algumas delas: dominando transversalmente Pernambuco, havia os Cariris, cujo rei chamava-se Kerioukeiou...

Heckman afirma que os Tapuias particularmente conhecidos pelos holandeses, eram os comandados pelo rei Janduí e

Caracará, chamados Tarairyou, cujas terras ficavam ao ocidente do Rio Grande e Cunhaú." (29)

Para endossar a tese da supremacia populacional Tarairiú no estado, vejamos a citação de Thomas Pompeu Sobrinho: "Pelo que coligui até o presente, temos, interessando ao território riograndense os seguintes elementos indígenas: Tupi, representado pela tribo Potiguara, no litoral. No interior, excursionando pelas praias em certas épocas do ano, o grupo línguo-cultural, Tarairiú, creio, dominando toda ou quase toda a região. Seus representantes principais eram os Jandoim, Javó, Canindé, Jenipapo e Xucuru ou Zucurú. Não consegui ainda identificar os Ikó e Pega.

Representantes do grupo línguo-cultural Kariri, provavelmente, não habitavam o Rio Grande". (30)

Thomas Pompeu Sobrinho dá-nos ainda as diferenças étnico-culturais entre os Tarairiús e os Cariris que Olavo de Medeiros resume da seguinte forma: " Os Tarairiús teriam se originado da primeira corrente migratória, proveniente do nordeste da Sibéria, de onde transmudara-se, há 20 ou 28 mil anos, depois de transposto a pé o estreito de Bering. Aquela corrente situou-se primeiramente no rio Yukon, no Alaska, de onde se espraiou pelas grandes planícies norte-americanas, atingindo posteriormente o nordeste brasileiro.

Possuíam características somáticas, representadas por uma elevada estatura, dolicocefalia, hipsicrania, possuindo, ademais, o tipo australóide. Culturalmente, encontravam-se no estágio do paleolítico superior, grau primário. Possuíam uma economia coletora. Como arma usavam a lança de arremesso, em

que era colocada uma pedra pontiaguda. Também portavam o machado tosco.

Os Cariris descendiam da IV corrente migratória, descrita por Thomas Pompeu Sobrinho, provavelmente da Indonésia e da Polinésia, ocorrida há 9 ou 10 milênios, vindo por via marítima ou marítimo-costeira, tendo primeiramente desembarcado no Pacífico. Estabeleceu-se aquela IV corrente no istmo do Panamá e adjacências, posteriormente espalhando-se por várias regiões das três Américas.

Os componentes daquela corrente apresentavam características somáticas, representadas por uma baixa estatura, branquicefalia, mesorrinia, o tipo mongolóide. Culturalmente, estavam na fase neolítica média, praticando a agricultura, cuidando da cerâmica e da confecção de tecidos. Seguiam o direito matrilinear e avunculato. Praticavam a navegação, com canoas monoxilas. Como armas, usavam o arco e a flecha, além de Zarabatana. Outras de suas características eram a cabeça-troféu, o animismo, o shamanismo, o canibalismo ritual. Eram construtores de mounds." (31)

* AS DIFERENÇAS ENTRE OS INDÍGENAS DO RN

Ao longo dos escritos holandeses e até de portugueses que tiveram contato ou informações sobre o homem primitivo norte-riograndense, há insistência no ponto referente à diversidade daquele povo.

Segundo Nieuhof: "Dividiam-se os referidos Tapuias em diversas nações distintas tanto pela língua quanto pela

denominação." (32) Fato este de ampla concordância nos trabalhos recentemente publicados - "História do índio no Brasil", 1992 - no item referente às "línguas isoladas" do nordeste: "Nimuendaju (1981), com base em fontes diversas e de variável confiabilidade - ainda que com suficiente rigor para não incorporar informações descabidas -, chega a relacionar oitenta diferentes etnônimos na área do Sertão nordestino e em suas faixas de transição para a 'Zona da Mata' a leste - o Agreste - e para os Cerrados a oeste - os Cocais -, com uma nítida concentração no vale do sub-médio São Francisco - onde o grande número de membros e de ilhas expande consideravelmente a extensão da várzea agricultável - e, em menor escala, nos topos mais úmidos de algumas serras, como as que circundam o atual estado do Ceará.

Podemos..., seguramente presumir uma diversidade que certamente extrapola em muito os limites da família Kariri."

(33)

Tomando como base essas diferenças, não se pode concordar com a exatidão que alguns autores definem as características do índio do RN, principalmente os chamados Tapuias. As diferenças ficam mais evidentes na variedade de opiniões sobre o mesmo aspecto de um povo determinado.

Excetuando os erros de interpretação ou de tradução, quando não de má fé, a maioria das contradições tem como base povos diferentes classificados dentro de um mesmo grupo. Um exemplo que solidifica esta opinião está em Tarcísio Medeiros, no livro "Proto História do Rio Grande do Norte.

Onde o autor aponta as contradições entre três opiniões atribuídas ao mesmo povo, veremos aí que a generalização é ponto contestável: "Noutros aspectos da vida dos Cariris, velhos cronistas se contradizem. Martius, contestando o 'Diálogo das Grandezas do Brasil', atribui aos Cariris, que chama de Tapuias, uma agricultura adiantada, o que parece não ser exato: 'Estes Tapuias vivem no Sertão e não têm aldeias nem mesmo casas ordenadas para viverem nelas e nem plantam mantimentos para sua sustentação, porque todos vivem pelos campos de mel que colhem das árvores e as abelhas lavram na terra, e assim da caça que tomam em grande abundância pela flecha se sustentam e para isso... e nos campos onde as encontram é que levantam suas choupanas... até se cansarem em lavrar e cultivar a terra, quando procuram outra'.

Herckman categoricamente afiança: 'Levam a vida inteiramente bestial e descuidosa. Não semeiam, não plantam nem se esforçam por fazer alguma provisão de víveres'¹¹.

A estes testemunhos, opõe Capistrano de Abreu restrições: '-Os Cariris deviam ter alguma agricultura, inferior à dos Tupis; suas redes eram de algodão e o fumo ocupava lugar importante em suas observações culturais tão importantes que Badzé era ao mesmo tempo o nome de erva e de um dos seus deuses.'" (34)

É claro, portanto, que existiam diferenças entre os Tapuias de um modo geral; entre Cariris e Tarairiús e provavelmente diferenças internas, ou seja, diversificação dentro dos próprios Tarairiús e entre a própria nação Cariri.

* OPINIÕES SOBRE OS TAPUIAS

A nível de ilustração sem pretender definir comportamentos com precisão, foram escolhidos dois relatos de situações específicas, limitadas pelo tempo e espaço. São dois relatos sobre os Tapuias de fontes ditas originais.

O primeiro é do padre Martinho de Nantes sobre Cariris contactados na sua missão ao longo do São Francisco, portanto, não são exatamente Cariris do RN, apesar de alguns autores tomarem estes relatos para definir os Cariris deste estado. Diante do que foi visto, não podemos fazer tal afirmação. Como garantir que os Cariris riograndenses - se é que existiram - tinham estas mesmas características?

O outro relato é de Pedro Carrilho de Andrade acerca de índios Tapuias, provavelmente de índios Tarairiús - pelos nomes citados - num momento determinado da chamada Guerra dos Bárbaros.

- Alguns dos Relatos de Martinho de Nantes (Cariris)

"Tinham um deus para as culturas que a terra produzia; outro para a caça; outro para os rios e as pescarias, e a todos esses deuses deixavam tempo para as festas e sua honra, e manifestavam sua adoração com alguns sacrifícios, que incluíam as mesmas coisas que recebiam, por meio de

cerimônias pouco diferentes, constituídas de danças, pintura do corpo, festins quase sempre impudicos, praticando o adultério, a que não davam nenhuma importância.

As mulheres costumavam dominar seus maridos, os filhos não respeitavam pai e mãe e nunca eram castigados. Conquanto tivesse em cada aldeia um capitão ou governador, só existia autoridade em tempo de guerra. Havia entre eles feiticeiros ou, para dizer melhor, impostores, que adivinhavam o que eles pensavam. Prediziam coisas futuras, curavam doenças, quando não as produziam. Podia-se acreditar que alguns deles tinham entendimento com o Diabo, pois não usavam, como remédio, para todos os males, senão a fumaça do tabaco e certas rezas, cantando toadas tão selvagens quanto eles, sem pronunciar qualquer palavra.

Se acontecesse que o doente não melhorasse, atribuíam a culpa a alguém que o tivesse enfeitizado e que estava impedindo o efeito do remédio, e designavam o culpado, como se tivesse certeza, e logo os parentes do doente, sem qualquer outra prova que a acusação, iam matar o acusado, sem que ninguém comumente se opusesse, com o receio de serem também acusados; de sorte que, se acontecia que morresse alguém muito estimado e que houvesse chamado esses impostores para curá-lo, era raro que não ocorressem outras mortes, antes ou depois do seu falecimento, o mais das vezes antes, com o desejo de contribuir para a sua cura, pois não acreditavam que estavam morrendo naturalmente, mas por força de enfeitizamento, mesmo quando morria de doença, exceto

quando vítima de extrema velhice.

Assim ninguém estava seguro de sua vida, podendo ser acusado de enfeitiçador por algum de seus inimigos. E cuidavam de agir depressa, ao matar ou queimar os que eram acusados de enfeitiçadores, para que não fossem suspeitos de serem eles próprios os responsáveis; deixando morrer e matando algumas vezes seus próprios parentes e, em seguida, os parentes do morto não deixavam, nessas ocasiões, de acusar ou de fazer acusar os responsáveis, que morriam assim miseravelmente, sem qualquer reflexão. O Demônio os conservava nesse erro por meio de sucessos, que pareciam provas incontestáveis de suas suspeitas; porque, ficando algumas vezes doentes pela convicção de que haviam sido enfeitiçados, como o verifiquei, quando se matava o enfeitiçador acusado, o doente perdia o temor e recobrava a saúde.

Eu fui, eu mesmo, a causa inocente da morte de um homem de outra nação, que imaginou que eu o havia enfeitiçado, pelo fato de o haver admoestado verbalmente, por haver feito, em relação a uma das mulheres de nossa aldeia, que tinha ligeira dor em um de seus braços, essa espécie de rezas que procurávamos evitar. Esse homem foi tomado de tal terror ao ouvir o tom de minhas palavras, pois não entendia o português, que não pôde sair do lugar e foi preciso levá-lo daí, e morreu poucos dias depois, vítima da própria imaginação. Isso deu motivo para que alguns de seus companheiros me ameaçassem de morte. Esses pobres cegos imaginam que os padres e os religiosos são os feiticeiros dos

brancos: é assim que denominam os portugueses e a todos os brancos em geral; mas estão persuadidos de que os que chamam feiticeiros dos brancos sabem muito mais que seus próprios feiticeiros; e é por essa razão que os temem extraordinariamente e tanto se persuadem desse erro, que é difícil convencê-los do contrário. Isso me valeu em várias ocasiões em que corri risco de vida; pois que sem o receio de que eu me valesse de alguma praga que os fizesse morrer, ou adoecer, ou sofrer algum mal, não me teriam poupado; falo das outras aldeias que não eram cristãs e nas quais eu não morava, e também das tribos selvagens, em que me encontrei em diversos momentos.

Como eram extremamente embrutecidos, e como a sua nudez lhe fizera perder o pudor natural, não há tipo de desregramento contra a pudicícia que não cometam, alguns em idades tão tenras que poderia parecer incrível: numa palavra, era uma desordem assustadora. Não há necessidade de dizer mais, para não ferir almas castas que pudessem ler essa relação.

Eram de tal forma prisioneiros de algúrios, que, se saindo de suas casas e caminhando encontrassem alguma determinada espécie de pássaro e ouvissem cantar, tiravam incontinenti presságios do que lhes devia acontecer; e se eram pássaros funestos, no seu entender, proferiam milhares de injúrias e os amaldiçoavam; tinham a mesma superstição a respeito de muitas outras coisas. Para serem felizes na caça ou na pesca, faziam queimar ossos de animais ou espinhas de

peixe e os mestres de cerimônia faziam beber aos jovens o suco de certas ervas amargas e, esfregando várias partes do corpo desses jovens com os dentes agudos de animais, incrustados em cera, misturados com cinza, os faziam penetrar na pele com dores sensíveis, durante os dez dias que durava a festa. Era necessário que os moços apresentassem com caças e pescarias os velhos, sem que eles próprios saboreassem um só pedaço, ou não lhes davam, durante todo esse tempo, senão uma sopa muito rala, feita com farinha de milho ou de mandioca, e passavam a noite cantando e dançando. Regressavam de madrugada à caça e à pesca, de sorte que essa dieta e esse exercício acabavam por emagrecê-los.

Não é de surpreender que esses índios, sem fé, sem leis, sem escrita e sem arte, ajam praticar desordem tão monstruosas, pois que nossa história nos ensina que nossos ancestrais, na cegeira do paganismo, também foram responsáveis por atitudes semelhantes, até mesmo em razão da religião que adotavam, conquanto tivessem todos os benefícios quanto a vida civil e moral. O demônio que eles adoravam nos ídolos, não tinha prazer senão em afogá-los em todo o gênero de abominações. É preciso, pois, nos persuadirmos que tudo que pode nascer de uma natureza corrompida, instigada pelo Demônio, encontra-se entre os índios, que antes de sua conversão são arrastados por essas ilusões. As diferenças são pequenas, para mais ou para menos. Todavia foram encontrados alguns, nesse grande número de índios, que se continham nos limites da lei natural, entre outros o capitão da aldeia de Uracapá. Havia diversos outros, de um e outro sexo, que

tinham o natural dócio e que facilmente eram conduzidos à virtude, quando dela tomavam conhecimento.

Assim sendo, só me resta agora fazer ver o estado em que se encontra presentemente a nação dos Cariris, do rio São Francisco, depois de haverem abraçado a religião cristã."

(35)

- Relatos de Pedro Carrilho de Andrade (Tarairiús)

"Dentre os documentos contemporâneos das revoltas que o comprovam, é dos mais interessantes, sob este como sob outros aspectos, o memorial de Pedro Carrilho de Andrade (Memórias sobre os Índios no Brasil, a que fizemos referência), tratando os Janduí, Paiacus, Carateús, Icós e outros índios das ribeiras do Açu e Jaguaribe. Leiamos algumas passagens (não guardamos inteira fidelidade à escrita da época):

'Não tem fé, nem lei, nem piedade. O seu Deus é o seu ventre e nada mais lhe dá cuidado. Alegam-se muito quando vem a lua nova, porque são muito amigos das novidades; contam os tempos pelas luas; têm os seus agoiros e ironias, como no cantar das aves e grunhir dos bichos.

Têm muitos feiticeiros e agoireiros que lhes adivinham os bens ou males que lhes hão de suceder, aos quais dão inteira fé e crédito. E não fazem nem obram coisa alguma sem que primeiro os mandem adivinhar.

Estes ímpios desde meninos se martirizam: todos os machos furam os beiços da parte junto a barba e metem-lhes um

torno ou batoque de pau ou pedra da grossura de um dedo e vão sempre alargando até fazerem da largura de uma moeda de duas patacas pouco mais ou menos, como querem.

Depois de serem homens, fazem outros muitos furos pelas faces do rosto e cantos da boca ou beiços, orelhas, ventas dos narizes, e metem-lhes tornos e pedaços de pau extraordinários com que se fazem disformes e horrendos.

Exercitam-se desde menino em destreza e forças com o lutar, correr, saltar, e levantando grandes pesos aos ombros. Correm três e quatro léguas sem descansar, e desta sorte ganham prêmios, que, entre eles, os maiores vêm a ser moças formosas por mulheres.

Finalmente, correm um dia todo sem cansarem. Não têm outro exercício nem ocupação de lavoura nem planta; trato nem distrato algum; nem ofício nem benefício; nem usam de letras, livros, nem escrituras, porque nenhum deles sabem ler e escrever.

Não sabem dar notícia da sua progênie, casta ou descendência, nem observam leis, porque somente crêem o que lhes diz o seu feiticeiro, como tenho dito.

Não gostam nem usam de fábrica alguma de investir; somente os homens fazem um anel de palha, onde recolhem dentro o crespo colo do genital, e as mulheres põem uma folha ou um raminho adiante: parece que à imitação de Eva e Adão quando pecaram.

E desta sorte acima declarada, sem mais cobertura alguma, nem por calma nem por frio, os vemos andar em toda parte e lugar, a todo gênero criados, ao rigor do tempo, sem

casas, aldeias, nem jazigo ou lugar certo.

São uns espíritos ambulatórios, andam sempre de curso, vagabundos, pelos montes e vales, atrás das cascas e feras e raízes e frutos agrestes, de que se sustentam e a divina providência os mantém. E com o mel das abelhas e maribondos, que chamam uruçu, e toda a mais mundície e imundície da terra, cobras e lagartos, e com estas viandas ordinariamente sustentam tanta multidão de bocas que é coisa admirável de dizer. E assim andam gordos e anafados e contentes, que parece que nada mais desejam.

São homens bem dispostos, sadios, sem achaques e de largas vidas, que bem se podem comparar com as cobras, de que dizem os poetas que não morrem nunca de velhas senão quando as matam.

São mais ferozes do que as mesmas feras dos montes agrestes, porque a muitas levam vantagens, nas forças, na ligezeza do correr e nos usos e costumes. E ainda são mais inúteis e indômitos do que os mesmos brutos e racionais, porque não há animal ou fera que coma outra da sua espécie, como estes alarves, que comem uns aos outros, os parentes aos parentes, pais e mães aos filhos, e os filhos aos pais e mães.

Não há animal ou fera que não tenha o seu jazigo e lugar certo, cova, lapa ou buraco onde descança, de dia ou de noite, conforme o seu uso; mas estes infiéis não têm jazigo ou lugar certo, como tenho dito. Onde quer que lhes anoitece, dormem deitados pelo chão, sobre a terra ou areia pura, sem

mais palha, nem esteira ou cobertura alguma, nem por baixo, nem por cima; nem buscam sombra de árvore nem abrigo. Mas antes, no lugar mais descoberto e patente ao ar e céu, ali se deitam, acendendo fogos que parece lhes servem de alimentos. E assim passam as noites cantando mui contentes, e meia hora antes de amanhecer se levantam e vão à fonte ou ao rio a banhar.

São inconstantes por natureza, fáceis de persuadir antes ao mal do que ao bem, porque toda a sua natural inclinação é matar, guerrear, fazer sangue, acostumados e exercitados nas mortes das caças, feras e aves de que se sustentam. E entre eles não tem nome nem fama aquele que não faz morte em gente humana'." (36)

* OPINIÕES SOBRE OS POTIGUARES

Quanto aos Potiguares, são citados sempre dentro de uma homogeneidade, algumas vezes são definidos com características exatamente iguais às de outros grupos Tupi do Brasil.

Em Luís da Câmara Cascudo, em seu livro História do Rio Grande do Norte, encontramos um relato superficial: "Da grande gente Tupi tivemos apenas, na hora da conquista e arrastando vida dolorosa subseqüentemente, os Potiguares, vivendo no litoral, ao longo das orlas marítimas, nas praias sombreadas de cajuais cujo fruto lhes marcava o ano. Adversários dos portugueses, fizeram as pazes em junho de 1599, e foram fiéis a esse juramento no Rio Grande do Norte.

De sua estirpe, nascido às margens do Potengi, Dom Antônio Felipe Camarão, conhecido pelo Rei e pela valentia, com sua mulher, Dona Clara Camarão, guerreira famosa, foi-lhes elogio no sacrifício total da raça". (37)

Encontramos em Tarcísio Medeiros, no seu livro Proto História do Rio Grande do Norte, o nome e localização de algumas aldeias no ~~Estado~~ Estado, além de caracterização desta gente, tendo algumas vezes como base aspectos do índio Tupi de modo geral.

- Localização Geográfica

"Donos do litoral, os Potiguares da nação Tupi alongaram os seus domínios desde os limites da Paraíba (Guaju) até o Ceará, na direção sul-norte. De Natal para o sul, no Vale do Capió, pontificaram nos limites da praia dos marcos de Baía Formosa, os nomes de Pau Seco, Sorobobé e Ilha Grande, chefes que foram dos Paiaguás, que tiveram seus campos nos atuais Municípios de Vila Flor, Canguaretama, Pedro Velho, Várzea e Espírito Santo; dos Jundiás, que ocuparam Lagoa Salgada, Vera Cruz e Bom Jesus; e os Guarairas, que habitavam Arês, Nísia Floresta, São José de Mipibu, Macaíba, Parnamirim até Januário Cicco.

Para o norte de Natal..., comandaram as aldeias, na direção da Zona Salineira, os legítimos Potiguares da taba do Igapó ou Aldeia Velha, cujo chefe de maior nomeada foi Camarão, depois o filho ilustre, o índio Poti ou D. Felipe

Camarão. Além da margem esquerda do Potengi, desde Redinha, Genipabu (Extremoz), Ceará-Mirim até às ribeiras do Açu e Apodi, foram comandados por tuxauas como Jacaúna, Surupeba, Jaguarari e Ibiratinim e outros da taba de Ibirapi que, ao tempo da expulsão dos franceses, acompanharam estes a seu chefe Riffault para o Maranhão, passaram a viver com os Tupinambás em Ilha-Grande.

- Caracterização dos Potiguares

Os Potiguares..., tinham o porte mediano, acima de 1,65, reforçados e bem feitos no físico; olhos pequenos, negros, encovoados e erguidos, amendoados como os da raça mongólica; sobrolhos estreitos e mui arqueados; orelhas grandes e cabelos lisos, cortados redondos, com barba e demais pêlos arrancados, até das pestanas e sobrancelhas.

De cor, eram mais ou menos baços, claros. Pintavam o corpo com desenhos coloridos, predominando o negro e o vermelho de tintas tiradas do jenipapeiro e do urucu. Furavam os beiços, principalmente o inferior, bem como as orelhas e o nariz. Os Potiguares não foram como os botocudos, apenas adotaram os enfeites de madeira e osso nas orelhas e nariz.

Alguns andavam nus, de conformidade com as épocas dos anos: se frias, cobriam o corpo com peles de animais. Gostavam de ornatos de contas de búzios ou de dentes de animais, em braceletas e colares, e os mais vistosos, em determinadas solenidades, em tangas e cocais de penas de

aves, plumas colocadas para cima, que as mulheres também usavam.

Habitantes do litoral, fabricavam igaras e teciam redes e utensílios de pesca para o mar e rios. Para defesa e caça, manejavam uma grande clava ou maça de quatro faces, com ornatos e cabo delgado e arredondado; traziam um maracá, feito de uma cuia com pedrinhas pendentes da cintura, cujo chocalhar os identificava no mato ou servia para as danças rituais; serviam-se de escudos ou paveses, que eram pequenos ou circulares ou oblongos, e feitos de couro do tapir ou anta ou pele de peixe-boi; e o machado de pedra polida era utilizado para cortar árvores, lenha e como arma de guerra. O arco e flecha, esta de vários tipos para diversos empregos, e em conjunto serviam para a pesca, caça e guerra, em que foram exímios atiradores. Na opinião de Georg Friederici, 'os Tupis, desde meninos ensinados e treinados no uso do arco, eram arqueiros tão temíveis e seguros na pontaria, que 'acertavam num mosquito no ar' e perfuravam com suas setas as armaduras dos portugueses, ou, para maior efeito, atiravam suas setas através das fendas e juntas das malhas.' - Desses nativos, afirmava, ainda, 'dentre as tribos Tupis mais fortes e perigosas, contavam-se os Potiguares (Pitiguares e semelhantes). Dizia-se que dispunham de nada menos de sessenta mil guerreiros.'

Na vida social da tribo, o trabalho se repetia segundo os sexos. Os homens aprestavam as armas, iam à guerra, acentavam e construíam as tabas ou povoações, e tratavam da caça e da pesca, e de fazer a roça. As mulheres se ocupavam

das sementeiras e plantações, fabricavam a farinha e preparavam as bebidas; carregavam nas transmigrações os fardos e as crianças, faziam os utensílios caseiros, e cuidavam das aves e animais criados em casa para regalo, os quais nunca matavam para comer, dando-lhes o nome de seus mimbaba, como a respeito dissertou Varnhagen, em História Geral do Brasil." (38)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito do homem primitivo existente no Brasil a partir da época da conquista, temos dois níveis de opiniões: o primeiro é marcado por pessoas que, na sua maioria, foram protagonistas dos primeiros contatos, além de historiadores que estiveram mais próximos dos fatos como Frei de Salvador, Varnhagen entre outros. O segundo é de historiadores e outros estudiosos mais recentes que não têm o objeto dos seus estudos tão explícitos quanto seus antigos colegas. Dessa maneira, o objeto passa a ser, em grande parte, o que os anteriores deixaram, pois quanto mais o tempo passa mais difícil fica encontrar referencial nas poucas comunidades indígenas existentes.

Temos, mais recentemente, opiniões sobre opiniões. O caráter historiográfico é determinante para uma boa análise, sendo indispensável a ajuda de etnólogos e antropólogos.

Notamos, nestes estudos, que o julgamento do homem primitivo pelo civilizado tem apreciações diferentes dependendo do ponto de vista de quem o faz.

J. F. de Almeida Prado faz um comentário, onde fica flagrante esse aspecto. Referindo-se a Montaigne, cronista francês, ele escreve: "Da síntese de Montaigne, transluz fato tristemente comum no princípio da civilização da América. Não só o branco muitas vezes ultrapassava o selvagem em

ferocidade como, ainda, quase sempre o corrompia. Gabriel Soares de Sousa encontrou o silvícola já pervertido por cinquenta anos de vizinhança com o europeu. A origem dos vícios que censura nos índios, vemos, em parte, explicada por Montaigne..." (39) Mais à frente, comentando sobre "os costumes dos gentis", ele diz: "Do civilizado o que mais lhe interessava eram os vícios e os meios de satisfazer paixões." (40) Este mesmo comentário mostra-se contraditório comparado ao primeiro ("...branco... quase sempre o corrompia"). Estes "vícios", será que não é justamente a parte que o branco explorava no índio? O nativo sendo fascinado pelos novos visitantes que traziam novidades tinham a tendência de acreditar em tudo que o branco lhe dizia ou fazia. (41)

Para reforçar este fato, vejamos uma outra referência do mesmo autor a respeito de Paulmier de Gonneville: "Aqueles selvagens, às vezes, admiravam e reverenciavam os brancos." (42)

A outra visão, oposta à do "índio naturalmente bom", é completamente infundada. Serviu para o modelo que entre outros Rousseau usou para justificar sua teoria filosófico-social. Também é comprometedora a comparação do índio ao modelo do homem grego clássico.

Não precisamos explicar que estes últimos, em vários detalhes étnicos e culturais, estão distanciados, em muito do homem primitivo brasileiro.

Na realidade, não se deve, pelo que foi exposto nas várias narrativas, ver o homem primitivo como um indivíduo

bom ou mau, mas sim, que tem comportamentos os mais variados justificados pelo aspecto contextual; e que do intercâmbio com o europeu sobrevieram novos comportamentos que, na maioria das vezes, terminava em degeneração. Vejamos uma afirmativa típica de branco: "o defeito principal do aborígene, o que mais concorria para classificá-lo era a instabilidade. Sempre obedeceu, movido por várias circunstâncias, a nomadismo nocivo a boas condições culturais."

Vemos nessas afirmativas, como "defeito" o fato do índio ser instável, mas será que a instabilidade do índio não é justificada, em muitos casos, pelo choque cultural? Será que entre os próprio índios não havia justificativa para cada tipo de comportamento? E o que dizer da instabilidade do branco? Será que o índio não achava o branco instável, quando na condição de colonizadores, os conquistavam com sutileza e depois os exterminavam fulminantemente suas populações? E quanto às boas condições culturais, ele está falando das condições especificamente boas para o branco.

* * *

Assim, este trabalho tem a intenção de questionar os muitos aspectos a respeito do que foi divulgado sobre o nativo na época dos primeiros contatos. Se não podemos dar um "veredicto", pelo menos mostramos os vários rumos dos principais temas, e as conclusões ficam a critério de cada um.

Mas uma coisa é certa: muitos autores, em momentos variados, caracterizaram povos daquela época dentro de uma generalização que eles próprios parecem não ter-se apercebido.

Além disso, julgam comportamentos dentro de um ponto de vista muito imediato, sem reparar na especificidade cultural. Estas tendências têm se modificado com a "humanização" da antropologia e o desenvolvimento dos estudos historiográficos.

NOTAS

01. José HONORIO RODRIGUES, História da História do Brasil, p. 2 e 3.
02. J. F. de ALMEIDA PRADO, Primeiros Povoadores do Brasil, 1500 - 1530, p. 135 a 138.
03. Ibid., p. 39.
04. José HONORIO RODRIGUES, História da História do Brasil, p. 7.
05. Ibid., p. 5.
06. Tarcísio MEDEIROS, Proto História do Rio Grande do Norte, p. 178, 182 e 183.
07. J. F. de ALMEIDA PRADO, Primeiros Povoadores do Brasil, 1500 - 1530, p. 147.
08. Ibid., p. 142.
09. Ibid., p. 143.
10. Ibid., p. 145 e 146.
11. Ibid., p. 146.
12. Júlio CÉZAR MELATTI, Índios do Brasil, p. 31.
13. A Verdade sobre o Índio no Brasil, p. 4.
14. Júlio CÉZAR MELATTI, Índios do Brasil, p. 32, 33, 195 a 196.
15. Francisco ADOLFO DE VARNHAGEN, História do Brasil, Tomo I, p. 24.

16. Manoela CARNEIRO CUNHA, História dos Índios no Brasil, p. 432.
17. Alcida RITA RAMOS, Hierarquia e Simbiose, Relações Intertribais no Brasil, p. 1.
18. J. F. de ALMEIDA PRADO, Primeiros Povoadores do Brasil, 1500 - 1530, p. 160.
19. Alcida RITA RAMOS, Hierarquia e Simbiose, Relações Intertribais no Brasil, p. 1.
20. Ibid., p. 1 e 2.
21. J. F. de ALMEIDA PRADO, Primeiros Povoadores do Brasil, 1500 - 1530, p. 158.
22. Júlio CÉZAR MELATTI, Índios do Brasil, p. 200.
23. J. F. DE ALMEIDA PRADO, Primeiros Povoadores do Brasil, 1500 - 1530, p. 156, 157, 168 e 169.
24. Alcida RITA RAMOS, Hierarquia e Simbiose, Relações Intertribais no Brasil, p. 3.
25. Manoela CARNEIRO CUNHA, História dos Índios no Brasil, p. 99.
26. Luís da CAMARA CASCUDO, História do Rio Grande do Norte, p. 38.
27. A. Tavares de LIRA, História do Rio Grande do Norte, p. 108.
28. Olavo de MEDEIROS FILHO, Índios do Açu e Seridó, p. 26 a 29.
29. Ibid., p. 22.
30. Ibid., p. 25.
31. Ibid., p. 25 e 26.

32. Ibid., p. 22.
33. Manoela CARNEIRO CUNHA, História dos Índios no Brasil, p. 432 e 433.
34. Tarcísio MEDEIROS, Proto História do Rio Grande do Norte, p. 94.
35. Padre Martinho de NANTES, Relação de uma Missão no São Francisco, p. 4 a 7.
36. A. Tavares de LIRA, História do Rio Grande do Norte, p. 119 a 121.
37. Luís da CAMARA CASCUDDO, História do Rio Grande do Norte, p. 42.
38. Tarcísio MEDEIROS, Proto História do Rio Grande do Norte, p. 92 e 93.
39. J. F. de ALMEIDA PRADO, Primeiros Povoadores do Brasil, 1500 - 1530, p. 151.
40. Ibid., p. 158.
41. Ibid., p. 142.
42. Ibid., p. 142.

BIBLIOGRAFIA

01. ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. Pequena História da Formação Brasileira. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1981.
02. AQUINO, Rubim Santos Leão de. História das Sociedades: das Comunidades Primitivas às Sociedades Medievais. Rubim Santos Leão de Aquino, Denise de Azevedo Franco, Oscar Guilherme Pahl Campos Lopes. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
03. AZEVEDO, L. de. História dos Povos. São Paulo, FTD, 1988, vol. 1.
04. BAIOS, Herbet. Ensaio de Etnologia Brasileira. São Paulo, Ed. Nacional, 1979.
05. BARSI, Pietro Maria. História da Arte Brasileira. Pintura, Escultura, Arquitetura, e outras Artes. São Paulo, Abril Cultural, 1979, vol. 2.
06. BASTIDE, Roger. Arte e Sociedade. Roger Bastide; tradução de Gilda de Melo e Sousa. - São Paulo, Ed. Nacional, 1979.
07. CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1965.
08. CARRASONI, Maria Elisa (coord. de). Guia dos Museus do Brasil. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1972.

09. CASCUDO, Luis da Câmara. História do Rio Grande do Norte. Fundação José Augusto, Natal, Rio de Janeiro, 1984.
10. CUNHA, Manoela Carneiro. História dos Índios no Brasil. Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992.
11. HAUSER, Arnold. História Social da Literatura e da Arte. São Paulo, Mestre Jou, 1982.
12. HERNANDEZ, Isabel. Educação e Sociedade Indígena. São Paulo, Cortez, 1981.
13. HOLANDA, Sérgio Buarque de. História Geral da Civilização Brasileira. época Colonial. São Paulo, 1969, vol 1.
14. LIRA, A. Tavares de. História do Rio Grande do Norte. Natal, Fundação José Augusto, 1982.
15. LOPES, Luis Roberto. História do Brasil Colonial. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.
16. MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. Argonautas do Pacífico Ocidental: Um Relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos de Nova Guiné. Bronislaw Malinowski; prefácio de Sir James George Frazer; tradução de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Mendonça, revista por Eunice Ribeiro. São Paulo, Abril Cultural, 1984.
17. MARTINS, Edilson. Nossos Índios, Nossos Mortos. São Paulo, Circulo do Livro, 1978.
18. McNEILL, Willian Hardy. História Universal: Um Estudo Comparado das Civilizações. Tradução de Leonel

- Vallandro. Porto Alegre, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.
19. MEDEIROS FILHO, Olavo de. Índios do Açu e Seridó. Brasília, Senado Federal, 1984.
 20. MEDEIROS FILHO, Olavo de. No Rastro dos Flamengos. Natal, Fundação José Augusto, 1979.
 21. MEDEIROS, Tarcísio. Aspectos Geopolíticos e Antropológicos da História do Rio Grande do Norte. Natal, Imprensa Universitária, 1973.
 22. MEDEIROS, Tarcísio. Proto História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro, Presença Edições, Natal, Fundação José Augusto, 1985.
 23. MELATTI, Júlio César. Índios do Brasil. São Paulo, Hucitec, 1980.
 24. MENDES, Júnior, Antônio. Brasil História, Texto e Consulta - Colônia. Antônio Mendes Júnior, Luís Roncari, Ricardo Maranhão. São Paulo, Hucitec, 1991. Vol. 1.
 25. NANTES, Pe. Martinho. Relação de uma Missão no São Francisco. São Paulo, Companhia das Letras, 1979.
 26. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Índio e o Mundo dos Brancos. São Paulo, Livraria Pioneira, 1972.
 27. PERET, João Américo. População Indígena do Brasil. Rio de Janeiro, 1975.
 28. PINTO, Estevão. Os Indígenas do Nordeste. Cia. Ed. Nacional, 1935.

29. POMBO, Rocha. História do Brasil. Revista e atualizada por Hélio Viana. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1964.
30. PRADO, João Fernando de Almeida. Primeiros Povoadores do Brasil, 1500 - 1530. São Paulo, Ed. Nacional, Brasileira, 1976, vol. 37.
31. PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo, Ed. Atica, 1989.
32. RAMOS, Alcida Rita. Hierarquia e Simbiose: Relações Intertribais no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1980.
33. RIBEIRO, Berta Gleizer. O Índio na História do Brasil. São Paulo, Ed. Global, 1983.
34. RODRIGUES, José Honório. História da História do Brasil. São Paulo, Ed. Nacional, 1979.
35. RUGENDAS, Johnn Motitz. Viagem Pitoresca através do Brasil. Por João Maurício Rugendas; tradução Sérgio Milliet, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo, 1979.
36. SALVADOR, Frei Vicente de. História do Brasil, 1500 - 1627. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1965.
37. SCHADEN, Egon. Homem, Cultura e Sociedade no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1977.
38. SILVA, Janice Theodoro da. Descobrimento e Colonização. São Paulo, Ed. Atica, 1977.
39. SODRÉ, Werneck. Formação Histórica do Brasil. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.
40. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. História Geral do Brasil: Antes da Separação e Independência de

Portugal. Revisão e nota de Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. São Paulo, Ed. Melhoramentos; Brasília, 1975. Tomo I.

41. VILLAS BOAS, Orlando. Xingú: Os Índios e seus Mitos. São Paulo, Círculo do Livro, 1970.
42. ZANINE, Walter (coord. de). História Geral da Arte no Brasil. São Paulo, Instituto Walter Moreira Sales, 1983. Vol. 1.
43. A Verdade sobre o Índio Brasileiro. Rio de Janeiro, Guavira, 1981.
44. Supysáua, o Índio Brasileiro. Rio de Janeiro, Ed. Vecchi.

* * *

